

NOÇÕES DE SEMANTICA

Pacheco da Silva Junior

Prefácio

QUANDO NOS veio ás mãos o livro *Essai de Sémantique* do professor Bréal,¹ já estava escripto o pequeno trabalho que ora damos á publicidade.

As *causas* das transformações dos sentidos por nós já apresentadas na *Grammatica Historica*,² – posto que muito em summa –, são as mesmas *leis* indicadas pelo notavel glottologo. Mas, excusado era accrescentar, muito nos aproveitámos do trabalho do mestre, que nos obrigou a modificações não nos conceitos, que ha muito eram nossos tambem em sua maioria, mas na compostura, isto é, na ordem do contexto.

Publicamos este estudo de semantica no campo da lingua vernacula, em consideração ao convite que o referido professor faz a seus leitores, mais avigorado pelo que escreveu em 1887 sobre a vantagem de se limitarem por emquanto as investigações ou excavações semanticas ás linguas maternas dos semantologistas.

*“Quand les lignes générales de la sémantique auront été tracées, on n’aura pas de peine à vérifier sur les autres idiomes les observations prises sur la langue maternelle. Les divisions générales une fois établies, on y fera entrer les faits de même ordre recueillis un peut partout.”*³

Outrosim tivemos por escopo na coordenação d’este despretencioso escripto, dar aos mais do que nós competentes na materia, incentivo para escreverem trabalho mais digno de tão importante assumpto linguistico. Foi sempre nosso moto: – *while we expect for the best, let us also act for the best.*

Introdução

Em todas as linguas – antigas e modernas – é muito de notar, na sua evolução natural, a transferencia dos sentidos dos vocabulos.

“A innovação na significação é uma phase do neologismo – escreveu Ad. Coelho –, mas infelizmente a sciencia ainda não formou um systema de principios de variabilidade da significação; tem-se repetidas vezes feito notar a necessidade de uma particular disciplina, a semeiologia ou theoria da significação.”

Na opinião de Curtius é muito difficil estabelecer seguros principios fundamentaes para a mudança ou transferencia das significações. Será difficil – diz elle – reduzir essas mudanças de significação a leis ou mesmo apenas a analogias ainda quando se trate de uma lingua tão sómente.

É o professor Alexander de parecer que “a acção e reacção divisam-se na evolução do sentido das palavras, estudo, porém, erichado de difficuldades, e que ainda não entrou formalmente no ensino grammatical”.

Grimm escreveu faz engano quem acredita poder estabelecer taes leis, “pois que as palavras não seguem no desenvolvimento de suas significações caminho logico, uma linha recta”. Tambem se lê em mais recente producção de um philologo americano, “a falta de logica é a primeira lei da linguagem”.

É erronea esta opinião por muitos professada.

De feito, não se pode applicar ás linguas a palavra *logica* no sentido proprio, generico, philosophico; mas não se lhes pode negar certa logica particular, embora não sigam caminho rectilineo. Muitas vezes a supposta incoherencia entre os principios e as conclusões, desaparece si attendermos ao modo mui especial da ligação nas idéas, como, p.ex., na fórmula do infinito pessoal, no emprego impessoal do verbo “haver”, em “tudo eram lagrimas”, “quatro e quatro faz oito”, etc.

As palavras, não obstante a asseveração de J. Grimm, seguem no seu desenvolvimento uma linha recta, mas essa evolução é vagarosa e interrompida a espaços. Depois de se fixarem por algum tempo mais ou menos dilatado, seguem de novo o seu lento caminhar, não mais na recta primitiva, mas sempre formando diversos angulos, que assignalam as suas varias paradas.

D’ahi as alterações dos sentidos e novas orientações. Eis como certos substantivos mudaram de genero (*cometa, planeta, diadema, estratagema, fim.*, sua fim B. Rib., *a devida fym*, L. Cons..... *bagagem*,

coragem, (...), epigraphe, base, tribu, echo, catastrophe, torrente, etc.*). Depois de lucta travada até o seculo passado entre a tradição e a etymologia é que os grammaticos fixaram a regra.

Eis tambem porque verbos neutros tornaram-se transitivos, como se originou a construcção do passivo pelo activo e a serie de verbos simplesmente pronominaes (e não propriamente reflexivos), porque verbos unipessoaes tornaram-se pessoaes, a razão dos differentes empregos da preposição *a* – amae *a* Deus, pintavam os antigos *ao* amor menino (*Vieira*) – socorrer *aos* pobres (*id*), – coser alguém *ás* facadas, prompto *a* responder, estou *a* ler (= lendo), etc.

A logica grammatical funda-se na analogia.

Foi esteiado neste preceito que Bréal, – estudando as causas intellectuaes que presidiram a transformação das linguas –, classificou os factos semanticos sob certo numero de *constantes relações* manifestadas em uma serie de phenomenos, a que denominou *leis*. Todas ellas, porém, são limitadas.

O trabalho d’esse eminente linguista não é completo, e sim um bosquejar de tão importante assumpto, ou, – na sua propria phrase, – “um plano provisorio em dominio ainda não explorado, e que reclama o trabalho combinado de muitas gerações de linguisticos”.

Somos hoje accordes com os ultimos pareceres philologicos em que a linguagem deve fazer parte das investigações historicas e não das sciencias naturaes; todavia não vemos motivo para alguns condemnarem certos termos, que fazem parte do vocabulario linguistico, só porque mais pertencem á tecnologia biologica, como, p. ex., *orgão, elemento, organico, atrophia, etc.* *Atrophia* exprime, é certo, diminuição do volume do corpo ou de uma de suas partes, de um de seus elementos; mas, mesmo não considerando (figuradamente) a palavra um *orgão*, não é bem cabido dizer-se, p. ex., que o pronome de reverencia *vossa mercê*, reduziu-se a *vosmecê*, que se atrophiou na fórmula actual *você* (ou *mecê* em S. Paulo, etc)?

É justamente um caso semantologico, e em todas as sciencias encontramos exemplos metaphoricos ou catachresicos.⁴

O proprio professor Bréal emprega no seu livro – *faute d’un autre terme*, - a palavra *irradiação* para significar o transformismo do elemento material; falla-nos em *signaes mutilados*; refere-se á *elasticidade* da

linguagem e ás *fluctuações* de uma lingua philosophica; escreveu a pags. 179: – ‘il y a là un veritable abus... qui a eu pour résultat d’*atrophier* les autres moyens d’expression”, etc.

Mas como explicar as transferencias dos sentidos, que os restringe ou amplia, ora elevando-os em dignidade, ora depreciando-os, ás vezes mesmo ocasionando o desaparecimento do termo? E esta elaboração não se limita ao vocabulario; estende-se tambem á construcção.

Devemos attribuil-as tão somente á acção psychologica? Á vontade consciente e reflectida ou obscura mas persistente? A puros phenomenos instinctivos?

Vamos dar nossa opinião, crêmos que singular por ora.

Assim como a palavra *successo* não implica só por si idéa de felicidade ou desventura, tambem o vocabulo *evolução* só por si não indica idéa de progresso ou regresso, e unicamente as transformações porque passam as sociedades, os organismos, as linguas.

A evolução é progressiva si tende ao desenvolvimento da palavra ou do seu sentido, ou ainda á formação de novo vocabulo: – *telegraphico*, *telegraphista*, *telegramma*, *sobreviver*, *necroterio*, *telephone*, *orgia*, e *deboche*, *luz moral*, *luz da reflexão*, “essas côres *casam-se* bem, etc.

É regressiva si tende ao desaparecimento de uma palavra ou dos elementos que a compoem, ou ainda simplesmente do seu sentido primitivo. *Ladro* (ladrão), *crás* (amanhã), *asinha* (depressa), alienar – *alhear*, *botica* (=lat. apotheca) – *bodega*, *betar*, (combinar côres, casaldas), etc. e nos muitos casos de restricção de sentido, v.gr., em *voluvel*, que hoje só se emprega na accepção de *inconstante* (fig.).

Essas duas noções – como observa Vandervelde no seu estudo de sociologia biologica –, parecem muito exclusivas e contradictorias, e no entanto “penetram-se e completam-se”.

Regresso e progresso são os dous aspectos de uma mesma evolução: qualquer transformação progressiva vem sempre acompanhada de regresso.

Em nosso parecer pois a semantica representa a evolução regressiva da linguagem.

As causas occasionaes da evolução regressiva são: a) inutilidade da funcção; b) insufficiencia de recursos, do que nos dão muitos exemplos a metaphora e a catachrese: *folha* de papel, *papel* tabaco, a *cavallo* em um banco, *nariz* de cêra, *lingua* de fogo, *chá* de borragem, etc.

A inutilidade pode originar-se de duas causas: ou a funcção perde totalmente a sua razão de ser (*jogral*, *bucellario*, *condestavel*, *mesura*

por medida, etc.), ou passa a ser exercida por outro vocabulo (*colgar* por *suspender*, *enforçar*; *guisado* por *costumado*, *habitado*, etc.

Para provar a existencia da evolução regressiva da linguagem, basta tambem estudarmos as linguas pelo methodo da comparação, e conhecermos que todas ellas possuem vocabulos atrophiados, de sentidos reduzidos, restrictos, e bem assim sobrevivencias. *Monasterio*, morto na lucta pela existencia pelo synonymo *mosteiro* (que antigamente reduziu o sentido a “cella de cada um dos religiosos”) deixou-nos uma sobrevivencia em *monastico*.

A eliminção dos vocabulos, já Whitney deixou provado, concorre para o desenvolvimento da *linguagem* como a atrophia nos seres organicos.

Em outro livro já fizemos vêr que, no escôar do tempo, as palavras passam por quatro principaes mudanças de sentido:

1ª a que depende da especialisação; da associação de idéas e do sentido novo que elle desenvolve;

2ª a que é determinada pelas tendencias melhorativa e pejorativa⁵;

3ª a que está subordinada á restricção da extensão;

4ª a que acompanha a evolução syntactica.

De todas ellas nos occuparemos no correr d’este trabalho sem, porem, entrarmos em minuciosidades, que devemos limitar-nos á modesta indicação do titulo.

A denominação *pathologia verbal* ou da linguagem (creada por Littré) com applicação ao modo de exprimir novas idéas sem crear novos vocabulos e só pela transferencia dos sentidos, é erronea porque esses factos pertencem á evolução natural da *linguagem* e não constituem molestias ou achaques, nem são phenomenos teratologicos.

Tal denominação só pode ter cabimento quando se emprega um termo por outro erradamente seja qual fôr a razão, que, em geral, é a assonancia, como p.ex., *carrinhos* na locução popular “comer a dous *carrinhos*”; *braço* em “homem de *baraço* e *cutello*”, *collecção* na phrase popular “trazer á *collação*”, “vir á *baia*” por “vir á *baila*”, “chamei-o *besta*” por *chamei-lhe* *besta*”, etc.

A semantica é da maior importancia para o estudo da evolução linguistica: a grammatica, codificação das leis promulgadas pelo povo, consiste em grande parte em phenomenos semanticos.

Capítulo I

Analogia

Uma das causas das continuas mudanças dos sentidos das palavras é a lei do menor esforço.

O povo tem necessidade de bem exprimir idéas novas, mas afim de evitar dispendio intellectual e ao mesmo passo desejando apresenta-las animadas e revestidas de côres variegadas, em vez de crear vocabulos novos, prefere – movido por essa tendencia natural e espontanea - servir-se de termos já conhecidos, apenas mudando ou renovando os seus sentidos. E assim denominaram *toupeira* a quem tem olhos pequenitos e piscos, estendendo-se o sentido aos estupidos e incompetentes em qualquer materia; *em aguia* ao que tem vista penetrante, e figuradamente ao que possui grande penetração de espirito, isto é., “vista intellectual”.

O povo procede d’esta fórma nessas transferencias sob a acção da analogia, afim de evitar qualquer difficuldade de expressão, de conseguir mais clareza, mais pôr em relevo uma opposição ou semelhança, e pelo respeito á tradição.

Demais, cumpre não esquecer, o espirito popular é impaciente, a sua inclinação é chegar com rapidez á solução do raciocinio.

É muito conhecido o meio analogico, “condição primordial da linguagem”.

Pela mudança de applicações fundadas na analogia é que dizemos *dente* de engrenagem, *leito*, *cabeceira*, *braço* do rio, *ramos* do ensino, *barriga* da perna, *fralda* do mar, do monte, da camisa, etc. Esta elaboração da vida intellectual dos povos estende-se mesmamente ás phrases idiomáticas, e accrescentado, aos proverbios e rifões populares: – *comer syllabas*, *mastigar palavras*, *andar triste*, *apanhar chuva*, *ter dous dedos de grammatica*, *dar em droga*, *chegar a roupa ao corpo...*, *chegar a braza á sua sardinha*, *não se apanham trutas*, *a bragas enxutas.*, etc.

Muitas vezes perde-se o sentido proprio, primitivo, porque prevalece o figurado: – *parvo* = lat. *parvulus*, “creança”, *corja*, collecção de 20, hoje significa sucia, malta, agrupamento indeterminado de malandrinos; *cabo* = lat. *caput*, “cabeça”) teve varias accepções ou extensões de sentido – fim, termo, limite (Sec. XII), d’onde as sobrevivencias *ir ás do cabo*, *ao cabo de dous dias*, *de cabo a rabo*, *levar as couzas ao cabo*, *dar cabo de...*; fazendas, riquezas, capital (Sec. XIII); *cada um de seu cabo*: logar, parte (Sec. XIV), acabando por significar “comandante, chefe,” etc. Hoje dizemos “*cabo* de esquadra”, mas “*cabeça* de motim”, etc.

Outras vezes as varias applicações do sentido acabam por fazer esquecer a relação que as liga, só se compreendendo o sentido verdadeiro pela contextura da phrase: – *collo* ou *garganta* da montanha, *lingua* de agua, fogo, arêa, terra, etc. No mesmo caso está a palavra *corôa*, tonsura dos frades e padres, e cuja denominação propria é *cercilho*, cahido em desuso.

A palavra de sentido mais ampliado exerce pois acção fatal sobre a outra synonyma cuja significação cada vez mais se restringe. Foi o que aconteceu tambem com a palavra *alvado*, que de todo cahiu no esquecimento depois que se introduziu o modo de dizer “*olho da enxada*, da baioneta”, etc.⁶

Claro está que, em regra, as mudanças dos sentidos das palavras são devidas a intuições populares e associações de idéas.

A ultima phase da variabilidade significativa da palavra é a perda do sentido proprio. O verbo *bispar*, que significava exercer a dignidade de bispo, “*vêr* o rebanho cathedral”, hoje só se emprega no sentido geral de espiar, lobrigar, vêr. Aqui nota-se o sentimento depreciativo, a tendencia pejorativa, como nas varias accepções da palavra *bispo* nas phrases populares – “*entrou o bispo no feijão*” (fumaça), “*trabalha para o bispo*” (de graça,) e na fôrma diminutiva *bispote*.⁷

A analogia mais é manifesta quando as idéas se apresentam em opposição. *Diurno* deu origem a *nocturno*, *septentrional* a *meridional*, *abafar* a *desabafar*, *bem creado* a *mal creado*, etc.

Foi da analogia que resultou o duplo emprego de *cujo* no portuguez antigo.

A conjugação portugueza passou por muitas modificações, mas conservou perfeita analogia com a latina. Hoje, porém, os nossos verbos podem reduzir-se a uma unica flexão, só se diferenciando as conjugações pela ultima vogal dos themes (*a, e, i*).

A identidade de fôrmas e o principio da analogia mais se tornam manifestos quando comparamos a conjugação latina com a archaica portugueza.

Basta lembrar-nos das fôrmas *sum som*, etc., da 1ª pessoa do Indicativo presente do verbo *ser*, de que até o Seculo XIV havia uma fôrma *est* para a 3ª pessoa do singular, que se reduziu a *es* e por fim ao actual *é* por ser o *s* caracteristico da 2ª pessoa. Na forma *sois* (soedes, soves, sodes, sondes, sum), que appareceu pela primeira vez em João de Barros (soes), houve grande desviação do typo latino *estis*, mas devido á analogia. O participio presente italiano *essendo* não se moldou na fôrma mais moderna do infinito?

Por suas anomalias, o verbo *ser* descobre a sua mais antiga origem – a conjugação grega em $\mu\iota$, que entretanto** entrou em concorrência com a em ω .

O verbo *medir* faz *meço* na 1ª pessoa do singular do presente do Indicativo, mas a forma arcaica era *mido*, e mui analogicamente (Exemplo – *pido*, *despido*).⁸ *Meço* moldou-se no latim *metior*, e a analogia fez com que as formas *pido* e *despido* se mudassem para *peço* e *despeço*, e foi causa de erradamente estender-se a mudança ao verbo *impedir* (*impeço* por *impido*).

As formas *vieste*, *veiu* (= *veo*, Canc. D. Din. por *veno*) *viemos*, etc. afastam-se da formação regular pois *ven-i-s-ti* devia ter dado *vi-s-te*, etc. A intercalação do *e* foi provavelmente para evitar a confusão entre o perfeito da \sqrt{ven} com o da \sqrt{vid} . Nota-se, porém, neste mesmo verbo a influencia analogica dos perfeitos compostos dos derivados em *-e*, ao passo que o mesmo não se deu com os derivados em *-i*. Exemplo *vi* = *vi* (d) *i*, *viste* = *vi* (d) *iste*, *viu*, por analogia com os derivados em *-i* (*pediu*, *vestiu*...), *vieram* = *vi* (d) *-e-r-unt*. Em vez de *veno* = *veo* *veio*, também se encontra *vino* (F. Cast. Rod.) = lat. *veni*. As formas em *o* eram muito comuns: - *aveno*, *avino*... *fezo*, *pondo*, *houvo*, *dizo*, por *fez* (*e*), *pode*, *houve*, *disse*, etc.

O perfeito do verbo *ter* serviu no português de typo para duas formações novas, a do perfeito *sta* (*estive*, etc) e de um antigo perfeito de *ser*, do qual se encontram algumas amostras nos antigos documentos: – *seve*, 3ª pessoa do singular; *severom*, 3ª pessoa do plural (Canc. D. Din.).

As formações do nosso futuro e condicional tem analogia com as dos preteritos imperfeito e perfeito latinos, em que as desinencias são vestígios de auxiliares. *Ui* e *vi* exprimiam o thema do perfeito da raiz *fu*, e d'ahi *ama-fui* = *ama-hui*, *ama-ui*, *ama-vi*.⁹ No imperfeito, *bam* foi a desinencia que permutou em *va*.

O latim tinha um futuro, que se conservou na forma *e-ro*, ant. *e-so* (= grego $\sigma\omicron$), e outro primitivamente periphrastico, composto de um thema verbal ou de uma flexão nominal do verbo e do presente de *fuo*, que só se empregava em composição. D'ahi a forma em *b* na antiga latinidade. *Fu-o* abreviou-se em *u-o*, *v-o*, que se transformou em *bo* pela mudança mui frequente do *v* em *b*. Foi na época da decadencia que os Romanos se viram obrigados ás formas periphrasticas (*amare habeo* ou *habeo amare*), as quais suplantaram por fim a classica, e foram adoptadas por todas as linguas romanas, que preferiram porem a inversão (*escrever hei* = *hei de escrever*).¹⁰

A formação do condicional – modo desconhecido dos latinos – é idêntica á do futuro. Formou-se por analogia, mas com o imperfeito do auxiliar (*amar* havia, *amar* hia, *amar* ia).

A fôrma do participio presente adoptado no Século XV em – *ndo* fez desaparecer quasi dous seculos depois a em – *nt*: –“*entrante* da casa”, “*temente* Deus”. Hoje poucas amostras temos d’esses participios presentes com plena significação verbal, como p.ex. no grego – ο γρχφων την επιστολη οι χλως χρωμενοι τοις υπλοις, ou em latim – *regem forte inambulans homo adiit, ... imperans honesta, prohibens contraria* (Cic.)

No portuguez hodierno o participio presente tem apenas o valor de adjectivo em opposição (um caso *importante*, olhares *ardentes*) ou conservou-se como verdadeiro substantivo (*viandante*, *escrevente*). Mas no latim já o ablativo do gerundio muito estendêra a esphera de suas attribuições com prejuizo do participio presente¹¹: – *qui pertransiuit bene faciendo et sanando, quid hoc nobis fecisti eiciendo nos de Ægypto*.

Nas linguas neo-latinas o gerundio simples só se conservou no ablativo: nos outros casos obliquos foi substituido pelo infinito, o que já era de uso em latim: – *desiit loquendo, non desinit petendo*.

Do participio presente ainda conservamos vestigios, mas sem mais propriedade transitiva: – “*perlas imitantes* á côr da aurora” (Cam.), *passante* 50 annos, *tirante* essa condição, *tendente* á harmonia, etc.¹²

O participio passado latino em *utus* foi o preferido até o Sec. XV (*conheçudo*, *metudo*, *vendudo*); no XVI venceu na lucta a fôrma em *ido* por analogia com a 3ª conjugação (*conhecido*, *metido*, *vendido*).¹³ Ainda temos sobrevivencias dos participios em *udo* em *sanhudo*, *conteúdo*, etc. hoje considerados simples adjectivos, excepto na expressão *teuda e manteuda*. Ex. lat. – *cautus, doctus, circumspectus*, etc.

Modificação analogica que julgamos dever lembrar, é a do perfeito do verbo *jazer*. No portuguez antigo era *jouve* (Canc. D.D.) por *jouge* (Tr. e cant.), que mais tarde, no Sec. XVI, moldou-se no typo geral em *i* dos verbos da 2ª conjugação (*jazi*).

No latim da decadencia, a par das fôrmas verbaes proparoxytonas em *ere*, (*cúrrere*, *gémere*, *fácere*, *dícere*, *trémere*...) creou o povo as oxytonas em *ēre*, *ire* (*facére*, *dicére*, *curríre*, *gemíre*), das quaes se derivaram as formas portuguezas – *gerner*, *trerner*, *vender*, *correr*, *destruir*, *cahir*, etc. E é pelo principio da analogia que dizemos *confiro* = lat. *cónfero*,

discernimos = lat. *discernimus*, etc. Foi a analogia que acabou no portuguez com a confusão latina entre os verbos primitivos e os derivados em *ēre*, *ere*, e *ire*.

Os nossos suffixos são todos de origem grega ou latina, e conservam, em geral, as suas varias significações. A mudança na fórmula é devida á analogia: *-itia*=eza, *acem*=aço, *aticum*=agem, *aria*=eira, *ario*=eiro, *one*=ão, etc.

O povo desconhece o sentido dos suffixos, mas pelo uso continuo de palavras com elles formadas, crêa outros derivados directamente analogos, e muitas vezes inconscientemente. Os eruditos formaram *altruismo*, *optimismo* (suff. *ismo*=lat. *ismus*, grego *ismos*, de *ismé*, espirito); o povo, sem cogitar da significação do suffixo, foi com elle creando outros vocabulos (sebastianismo, florianismo, burrisimo, caftismo, etc.).

O povo não cogita das fórmulas thematicas correspondentes quando deriva novo vocabulo, e exemplo temos em *prestação*, onde não mais se encontra a idéa contida no verbo *prestar*, indicadora de que a acção deve ser feita com brevidade, “prestes”. São da mesma origem *prestativo* e *prestadio*, *prestimo* e *empréstimo*, etc. que tambem não lembram o sentido do thema.

Begehot definiu o homem “um animal *costumeiro*”. Qualquer que seja o modo porque um homem haja feito uma cousa pela primeira vez, grande é a sua tendencia para refazer-a, si elle a fez muitas vezes, ainda se revela grande tendencia para fazel-a do mesmo modo, e o que mais é, grande tendencia para obrigar os outros a fazel-o.

O progresso nas industrias, artes, sciencias e letras, obriga a actividade do pensamento a crear novos termos, e a cada classe tem vocabulario proprio, phraseologia particular, sua giria emfim. “Direcções diversas da actividade obrigam a termos de indicação diversa.” Assim, por ex., *alta*, *baixa*, *exercício*, *operação*, etc., teem varias accepções conforme se referem ao commercio, medicina, vida militar, pratica religiosa, etc. Em nautica - *lambaz*, *porca*, *cachorro*, *cabo*, *corôa*, *leito*, *nó*, etc., têm significado que hoje nem de leve lembram o primitivo. Todas essas creações, porém, são devidas á analogia, como - na esphera theatral - *pessoa* (=lat. *persona*, “mascara”), *papel*, *farça*, *ponto*, *drama*, *tragedia*, *mudança de scena*, *fazer scenas*, *personagem muda*, *servir de ponto*, *pateada*, *vér de camarote*, *metter-se nos bastidores*...

Todas as modificações do sentido fundam-se principalmente na analogia, mas cumpre notar é dos objectos materiaes que nos transportamos ás idéas abstractas.

As diferentes applicações não causam admiração aos que aprendem a lingua pelo uso, de outiva; mas os que nellas procurarem descobrir uma idéa commum, uma idéa mãe, arriscam-se a perder-se em um mar de abstracções (Schleicher – *Die deutsche Sprache*; Corsen – *Ueber Sprache*).

Para conseguir o intento é força tomar o caminho regressivo, e ter em mente que, mesmo na linguagem, devemos curvar-nos ante a soberania popular.¹⁴

Foi a analogia que deu origem aos tropos e figuras de palavras, que muito concorrem para o desenvolvimento das linguas, principalmente a catachrese, a litotes, a hyperbole, a metonymia, a synecdoche, e mais que ellas todas – a metaphora.

Notas

¹ 1ª edição, 1887.

² 2ª edição, 1894.

³ Critica a *L'histoire des mots*, de Darmesteter.

⁴ Não se diz: “é a instrução publica o principal *orgão* da civilização”; “este jornal é *orgão* do partido republicano”. etc.? Não se diga pois *quêda* da consoante: as letras não são corpos, e consequentemente a ellas não se pode referir a acção ou effeito de cahir, pois lhes falta peso.

⁵ Censura Bréal a expressão *tendencias de palavras* porque estas não as podem ter, e qualifica-as de *illusão e chimera*. Discordamos tambem d’essa opinião porque as *tendencias* é o homem, é o povo, quem as tem e manifesta.

A pejorativa é effeito de uma disposição muito natural na humanidade, que tudo mette a ridiculo e deprecia (*vigario* por astuto, *samarro*, *conciliabulo*); da melhorativa não nos faltam exemplos, comquanto em numero muito menor. (uma mulher *faceira* um *meco*, – que lembra o *smart*, ing. = *schmerz* all.; *maganão*, *pachola*. – *Tendencias de palavras* por *tendencias* do povo para ridicularisar ou rebaixar os sentidos das palavras nivelal-as, abrandal-as, vigor-al-as, etc., é simplesmente um dizer figurado. O curioso é que se lê no livro do professor Bréal, pag. 294, – “*les prépositions les plus avancées en âge ont une tendance à se vider de leur signification*”.

Aqui tem a applicação o – “*chassez le naturel, il reviendra au galop*”.

⁶ *Olho* d’agua, do queijo, da couve, das bigotas, de boi; olhos da providencia, da benignidade, etc.

⁷ Poderão arguir de destemperada esta ultima etymologia, e talvez algum José Ventura descubra-lhe a origem em *bis-pote*. O termo é chulo, e isso pode fazer acreditar tinha tal vaso duas serventias entre gente baixa, do mesmo modo que em S. Paulo os estudantes chamavam á bacia – *carapecú* – por só se servirem de uma para tres fins differentes. Mas, 1º – o prefixo latino *bis* não entra na composição de palavras plebéas, e só figura em duas populares (*bisavô*, *bisneto*); 2º em alguns logares do interior do Brasil, o povo dá áquelle vaso o nome de *capitão* ou *doutor*. É que a

tendencia pejorativa toma ás vezes feição de estroinice e outras abandalha-se.

⁸ Esta forma era a mais recommendada por D. N. de Leão, era usada por A. Vieira.

⁹ O *u* semi vogal equivalia ao *v*.

¹⁰ Tambem no inglez e no allemão o futuro é indicado por um auxiliar (*Shall, will, – werden*. Dá-se omesmo no grego moderno (θελω) mas no antigo já se empregava μελλω com o infinito).

¹¹ Unicamente na sua significação verbal.

¹² V. Curtius.

¹³ A mudança, porém, fez-se lentamente. Em docs. da idade media já se encontram algumas formas em *ido*: – *sabido, construido* (R. de S. B.), *vencido, collidas*, etc. (Port. mon. hist.)

¹⁴ Si assim não fizermos, não chegaremos p.ex. a conhecer a idéa commum, a idéa mãe, na phrase tão popular – *dar em vasabarris*, mormente no Brasil onde tal substantivo não é usado. *Vasabarris* significa costa cheia de recifes e muito sujeita a naufragios.

* N. E. Esta palavra não está completamente legível no texto microfilmado, sendo compreensível apenas o sufixo *gem*.

** N.E. Esta palavra não está completamente legível no texto microfilmado, sendo compreensível apenas o sufixo *anto*.